

IMAGINÁRIO DE CONSUMO E RELAÇÕES DE GÊNERO NO ENSINO DE ARTES VISUAIS – UMA VIVÊNCIA NO PIBID

LAURA SACCO DOS ANJOS TORRES; MARISTANI POLIDORI ZAMPERETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – laura.torres.sat@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – maristaniz@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho está inserido no projeto de pesquisa *Proposições arte/educativas com interlocuções sobre consumo e educação do sensível* que está sendo desenvolvido para o Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais – Licenciatura (CA/UFPEl) e tem como objetivo discutir algumas questões propiciadas por propostas arte/educativas evidenciadas nos relatos e produções de alunos de ensino fundamental de uma escola municipal da cidade de Pelotas. Desse modo, o objetivo geral da pesquisa é verificar quais interlocuções foram propiciadas através de proposições arte/educativas.

A proposta arte/educativa que conduziu o desenvolvimento desse estudo foi desenvolvida através do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) em formato de oficina, no momento em que estava vinculada ao programa como bolsista (2017-2018), e versava sobre imaginário de consumo. Essa prática teve como público alvo alunos da faixa etária dos doze aos dezessete anos, compreendidos em turmas de sexto a nono anos.

Assim, a temática central dessa proposta foi a questão do imaginário de consumo. Entende-se que as inter-relações entre corpo, consumo e sexualidade são evidenciadas nos discursos propiciados através de anúncios publicitários. Logo, nesse processo, encontram-se imbricadas relações de desigualdade social, bem como as relativas a gênero. Além da discussão a respeito dos anúncios publicitários, foram apresentadas obras de arte que viabilizam refletir sobre as questões de aquisição de produtos e suas relações com cultura, sociedade e identidade.

No que concerne à materialidade escolhida para desenvolver as propostas com os alunos, no caso uma seleção de imagens oriundas de anúncios publicitários apresentados na mídia e de obras artísticas, justifica-se devido à necessidade de uma compreensão crítica sobre as imagens e os enunciados.

O estabelecimento de interlocuções foi de central importância nesse processo, visto que os enunciados se constroem em relações dialógicas, sendo cada um desses uma réplica a outros ditos ou não. Essas relações são dialógicas pois tem como base subjacente a enunciação que só é construída mediante a interação dos participantes, o que se mostra relevante para práticas de ensino arte/educação em que se intenciona retomar questões de uma educação do sensível por vias do afeto.

2. METODOLOGIA

Foi utilizada uma metodologia interdisciplinar para o ensino de Artes Visuais, a partir de uma oficina realizada em cinco etapas: leitura dinâmica do poema *Eu, etiqueta* de Carlos Drummond de Andrade; resolução de dúvidas sobre o vocabulário através da utilização de dicionários; problematização de anúncios

publicitários; apresentação de imagens artísticas e discussão [destacam-se obras de Pablo Picasso, Barbara Kruguer, Richard Hamilton, Antonio de Felipe e Andy Warhol]; produção de etiquetas.

Na primeira etapa, foi realizada dinâmica e leitura do poema *Eu, etiqueta* de Carlos Drummond de Andrade.

Na realização da leitura do poema, os alunos foram orientados pela numeração encontrada no verso do papel, para que seguissem a ordem sequencial do poema. Essa atividade demandou a atenção dos alunos para que, escutando a leitura dos colegas, conseguissem entender o que poema transmitia.

A partir dessa atividade, foram abordados alguns aspectos presentes em materiais publicitários mediante exemplos apresentados que estavam veiculados em revistas e circulação pela internet. Através dessa proposta intencionava-se salientar a escolha de slogans de caráter polissêmico, bem como as relações que o leitor estabelece entre o repertório de imagens e enunciados fornecidos pelas propagandas com outros conhecidos socialmente.

Como última etapa, foi realizada a produção de etiquetas pelos alunos

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O corpus para análise se constituiu de 47 etiquetas produzidas pelos alunos em sala de aula. Assim, intenciona-se discorrer a respeito de alguns trabalhos selecionados a partir da temática de gênero, a partir de etiquetas produzidas pelos alunos de sexto a nono ano do Ensino Fundamental.

No que concerne à próxima etiqueta a ser analisada, produzida por uma aluna, a autora justificou sua escolha com essas palavras: “Porque é assim, ‘sôra’! Ninguém tem direito de tocar ou passar a mão! Acontece em todos lugares, no ônibus, na escola... Deviam cobrar mais respeito dos guri. Na escola, todo mundo finge que não vê nada.” (CADERNO DE CAMPO. ALUNA JOANA, 2017).



Figura 1: Desenho produzido por aluna de Ensino Fundamental, 2017. Fonte: Acervo da graduanda.

Na fala da aluna, percebe-se seu descontentamento para com atitude da escola enquanto instituição de não corrigir ações desrespeitosas ao corpo das

meninas, as quais provavelmente tenha vivenciado. Sobre a figura feminina retratada pela menina, é importante que se perceba o olhar atento desta como se estivesse esperando algum acontecimento.

No que se refere ao tratamento dado pelas escolas às questões de gênero e identidade, LANZ (2017) aponta que:

Não consta haver no Brasil, nenhuma instituição de ensino, público ou privada, que mantenha, em caráter permanente, de um lado, políticas de orientação e apoio aos alunos sobre questões relacionadas à identidade de gênero e por outro, políticas de tolerância zero a manifestações de preconceito, discriminação e violência contra pessoas LGBT, em especial as pessoas transgêneras, de longe as mais prejudicadas por todas formas de bullying, intolerância e discriminação dentro da escola (p.248).

A imagem abaixo foi produzida por um aluno que perguntou: “Ô ‘sôra’, Girl Power significa meninas poderosas ou poderes das mulheres?”

Perguntou-se a ele qual uso julgava melhor: meninas empoderadas ou meninas poderosas, ou poder das meninas? (CADERNO DE CAMPO. ALUNO ROBERTO, 2017).

Ele riu e fez este desenho:



Figura2: Desenho produzido por aluno de Ensino Fundamental, 2017. Fonte: Acervo da graduanda.

É perceptível que esta imagem traz subjacente uma boa dose de ironia por parte do aluno ao colocar uma mulher representada, sentada em uma banana, na qual estão inscritos “Girl power” repetitivamente, sendo apresentada como fala da personagem a seguinte questão: “Quer dizer que só a mulher precisa ter etiqueta?”

Logo, está em evidência o jogo de sentidos estabelecido através da banana que pode ser interpretada como uma alusão ao falo, objeto de diversas contestações quando se pondera a respeito das considerações de FREUD (2010) no que tange à orientação sexual, bem como quando se parte do pressupostos de LACAN (1998)

sobre uma dada “identificação salutar” que estaria pautada na heterossexualidade. Assim, o poder estaria associado ao falo, entretanto os estudos de Lacan também apontam para a possibilidade de a mulher assumir posição fálica – denota-se através desses usos linguísticos uma sobreposição de gênero. Essa primazia do falo e do heteronormativismo será questionada por BUTTLER (2003) que vai romper com binarismos e essencialismos propostos.

4. CONCLUSÕES

Propiciar experiências com arte é instrumentalizar e viabilizar modos de resistência contra a massificação midiática e a violência diária vivenciadas. É através do desenvolvimento da capacidade imaginativa e contestatória que se ampliam as possibilidades de compreensão dos fenômenos sociais, sendo dispostas as ferramentas necessárias para que sejam amenizados, ou ainda anulados, os efeitos de momentos agitação que visam conduzir-lhes para situações de risco.

Os trabalhos produzidos pelos alunos demonstram além de um atravessamento de questões externas ao contexto escolar uma necessidade que possuem de discutir gênero, o que se mostra enquanto um fator positivo tendo em vista a urgência de construir uma sociedade que respeite e conviva de maneira harmônica com a diversidade. Refletir e questionar as representações de gênero são o caminho para que preconceitos e atitudes discriminatórias não sejam reproduzidas, anseio reivindicado pelos alunos através das produções apresentadas neste texto. É de central relevância questionar as representações de gênero, tendo em vista que este é construído culturalmente, logo não é dado pela natureza.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FREUD, S. **Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos** (1925). In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Volume 19 (1923-1925). O ego e o id e outros trabalhos. São Paulo: Companhia das Letras, p. 256-271, 2010.

LACAN, J. **A significação do falo**. In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro, JZE, p.692-703, 1998.

LANZ, L. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Movimento Transgente, 2 ed., 2017.